

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: O USO DE ITENS LEXICAIS E DE EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS EM DADOS DE FALA ESPONTÂNEA

Josenildo Barbosa FREIRE¹
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
josenildo.bfreire@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho analisa o uso sociolinguístico de itens lexicais e de algumas expressões linguísticas presentes na fala de dois informantes idosos, analfabetos, sendo um do sexo masculino e outro do sexo feminino. As contribuições teórico-metodológicas que fundamentam a descrição e a análise do objeto em tela provêm da Sociolinguística de inspiração laboviana (Labov, 1963, 1966, 2008[1972]) e da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]). Essa abordagem linguística assume que tanto fatores sociais (por exemplo, sexo, nível de escolaridade e faixa-etária dos informantes, estilos de registro linguístico, entre outros) quanto aspectos internos ao próprio sistema linguístico (como a classe de palavra, os contextos fonológicos antecedentes e/ou posteriores, a quantidade de sílabas, a posição do acento tônico, entre outros) funcionam como elementos de condicionamento sociolinguístico de usos de uma dada variedade linguística. A amostragem analisada está igual e socialmente estratificada por sexo, faixa etária e nível de escolaridade, e com 2 informantes oriundos e residentes de uma comunidade de fala localizada no interior do Rio Grande do Norte. A técnica de coleta de dados foi a entrevista sociolinguística, que é forma padrão de coleta de dados da abordagem linguística aqui assumida. As ocorrências encontradas foram identificadas, transcritas e submetidas a uma análise qualitativa. Os primeiros resultados analisados indicam que há um conjunto de itens lexicais e de algumas expressões linguísticas que é próprio do falar e do perfil sociolinguístico dos informantes pesquisados, e que esses processos de variação sociolinguística são indícios de que a língua, além de constituir um sistema de signos linguísticos, é, predominantemente, sujeita às necessidades comunicativas e expressivas dos seus falantes. Esses achados linguísticos abrem caminhos para desdobramentos futuros, sobretudo ao permitirem uma reflexão acurada dos usos sociais da língua. Assim, conclui-se que a variação linguística é um fato social, constituindo uma forma de identificação sociolinguística dos falantes. Desse modo, sendo um fato intrínseco às línguas, os processos de variação linguística devem constituir objeto de descrição e de análise linguística e, no contexto escolar, pode-se tornar objeto de ensino e de reflexão do fazer pedagógico de qualquer educador.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Comunidade de fala. Itens lexicais. Expressões linguísticas.

¹ Doutor em Linguística, pela UFPB. Professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino do Estado do Rio grande do Norte (SEEC-RN). E-mail: josenildo.bfreire@hotmail.com; ORCID: : <https://orcid.org/0000-0003-3637-471X>.

LINGUISTIC VARIATION: THE USE OF LEXICAL ITEMS AND LINGUISTIC EXPRESSIONS IN SPONTANEOUS SPEECH DATA

ABSTRACT: This work analyzes the sociolinguistic use of lexical items and some linguistic expressions present in the speech of two informants, elderly, illiterate, one male and the other female. The theoretical-methodological contributions that underlie the description and analysis of the object on screen come from Sociolinguistics of Labovian inspiration (Labov, 1963, 1966, 2008[1972]) and from the Theory of Variation and Linguistic Change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]). This linguistic approach assumes that both social factors (such as gender, educational level and age group of informants, styles of linguistic registration, among others) and aspects internal to the linguistic system itself (such as word class, phonological contexts antecedents and/or posteriors, the number of syllables, the position of the tonic accent, among others) function as elements of sociolinguistic conditioning of uses of a given linguistic variety. The sample analyzed is equally and socially stratified by gender, age group and level of education, and with 2 informants originating and residing from in a speech community located in the state of Rio Grande do Norte. The data collection technique was the sociolinguistic interview, which is the standard form of data collection in the linguistic approach adopted here. The occurrences found were identified, transcribed and submitted to a qualitative analysis. The first results analyzed indicate that there is a set of lexical items and some linguistic expressions that is characteristic of the speech and the sociolinguistic profile of the researched informants, and that these processes of sociolinguistic variation are indications that language, in addition to constituting a system of linguistic signs, is predominantly subject to the communicative and expressional needs of its speakers. These linguistic findings open ways for future developments, above all by allowing an accurate reflection of the social uses of language. Thus, it is concluded that linguistic variation is a social fact, constituting a form of sociolinguistic identification of speakers. Therefore, being an intrinsic fact to languages, processes of linguistic variation must constitute an object of description and linguistic analysis and, in the school context, it can become an object of teaching and reflection of the pedagogical work of any educator.

KEYWORDS: Variation. Speech community. Lexical items. Linguistic expressions.

1 INTRODUÇÃO

Os usos sociais da língua revelam diferentes dimensões que constituem as variedades ou os dialetos que ocorrem em uma dada comunidade de fala, daí ser necessário a realização de investigação linguística em dados de fala coletados espontaneamente. A abordagem dos usos reais da língua permite compreender seu funcionamento como um fato social e não apenas no que diz respeito ao reconhecimento ou à identificação de um

sistema de signos constituindo, assim, uma forma de identificação linguística dos seus falantes.

Em vista disso, admite-se que há a necessidade da realização de investigações sociodialetais dos usos linguísticos sob o viés de perspectivas linguísticas que não contemplem apenas os aspectos internos da língua, mas, sobretudo, o funcionamento das variedades sociais existentes nas comunidades de fala. Modelos de investigação centrados nos usos linguísticos podem oferecer contribuições nessa direção. A Teoria da Mudança e da Variação Linguística (Labov, 1993, 1966, 2008[1972]), por exemplo, de base laboviana, pode ser uma alternativa de investigação sociodialetal.

Neste sentido, no presente estudo, pretende-se descrever e analisar o uso de itens lexicais e de algumas expressões linguísticas que foram produzidas durante a conversação realizada com dois falantes da variedade potiguar, os quais são idosos, analfabetos e de ambos os sexos. Os resultados encontrados podem exemplificar alguns dos vários aspectos da peculiaridade e do perfil sociolinguístico desses informantes e, assim, introduzir reflexões acerca dos usos sociais da língua em diferentes contextos de fala.

A amostra de fala aqui utilizada pode servir como uma breve incursão que evidencia que os usos linguísticos são condicionados por fatores sociais, revelando um intrincado processo da inevitável e da incontornável variação linguística existente nas línguas naturais.

As pesquisas variacionistas têm revelado que o falante usa a fala conforme for o contexto imediato de comunicação verbal no qual estiver inserido. Ao mesmo tempo, esse falante deixa emergir, nesses momentos de interação, o estilo linguístico denominado vernacular, ou seja, aquele modo linguístico que é próximo da fala e resultante de situações menos formais, como em uma conversa na rua, no metrô, no bar etc.

Dessa forma, reconhece-se que há importantes distinções teóricas que norteiam a pesquisa e o pesquisador. Toda variedade linguística apresentará situações sociocomunicativas de maior monitoração estilística, dependente dos graus de formalidades/registros, de modalidades (orais e escritas) e de normas, sejam elas cultas ou populares, padrão ou não-padrão. Assim, associa-se, neste trabalho, a ideia de Vieira (2014, p. 300-301), quando afirma que “[...] indivíduos falantes de variedades cultas ou populares, de meios urbanos ou rurais, na escrita ou na fala, alternam seu estilo em função das diversas situações circunstâncias sociocomunicativas”.

O reconhecimento desse fato permite que se alarguem diversas noções linguísticas, tanto no interior dos estudos linguísticos quanto no dos estudos voltados para o ensino de língua materna. Assim, por exemplo, passa-se inevitavelmente a reconhecer a língua como um conjunto de variedades linguísticas e que está condicionada por uma série de fatores de ordem interna e externa simultaneamente.

Ainda nesta direção, o ensino de português pode ser beneficiado pela promoção de uma pedagogia que é sensível aos usos sociais que emergem da língua em detrimento de uma postura de ensino centrada apenas na realização de uma prática escolar de gramática voltada para a abordagem de gramática tradicional. Na verdade, há tantas gramáticas quanto há tantas variedades linguísticas.

Neste trabalho, assume-se que há diferenças estabelecidas entre a norma-padrão, a qual diz respeito a um construto sócio-histórico que, segundo Bagno (2003), consiste em um padrão idealizado na tradição gramatical para contextos formais e, portanto, constitui um uso subjetivo; e que há a variedade linguística popular, a qual é usada por falantes reais em situações reais de comunicação e, desse modo, se configura como objetiva.

Essas concepções conseguem cobrir uma dimensão, tanto do ensino quanto da descrição e da análise de usos linguísticos, que permite fugir daquela velha noção de língua

e de gramática que, ainda, pode pairar não só no contexto escolar, mas, principalmente, no imaginário popular, que, por vezes, concebe a língua como sinônimo de gramática tradicional.

Para dar conta dessa proposta, o trabalho está organizado da seguinte forma, além desta introdução. A segunda seção é dedicada à descrição da fundamentação teórica que embasa o presente estudo; na terceira seção, por sua vez, apresentam-se a metodologia e o *corpus*; na quarta seção, descrevem-se e analisam-se os resultados alcançados, e, por fim, esboçam-se as considerações finais da pesquisa e os possíveis desdobramentos teóricos futuros.

2 SOCIOLINGUÍSTICA: A LÍNGUA NO CONTEXTO SOCIAL DE USO

A Linguística ganhou significativo poder de explicar os usos dialetais quando incorporou o componente social como fonte de condicionamento. Essa realidade foi impulsionada pelos estudos realizados pelo pesquisador norte-americano William Labov (1966; 2008 [1972]) ao demonstrar que a variedade linguística de qualquer comunidade de fala está correlacionada por restrições linguísticas (fatores internos) e restrições sociais (fatores externos e estilísticos).

Contudo, longo foi o percurso feito pelos estudos linguísticos de base variacionista, sejam nas perspectivas qualitativa/etnográfica, quantitativa e/ou geolinguística, para introduzir e consolidar a noção de variação linguística como um fato social inerente das línguas humanas. Esse caminho passou necessariamente pelas discussões dos Neogramáticos, dos linguistas histórico-comparativos, das diversas vertentes estruturalistas e funcionalistas e até por modelos de base gerativista, para dar às pesquisas sociodialetais um espaço na agenda de investigações da Linguística.

Os trabalhos anteriores à Sociolinguística (macroárea da Linguística que ficou mundialmente conhecida por analisar os idiomas a partir do seu uso social) já tinham investigado a língua como fato social ou realizado estudos histórico-comparativos a fim de se estabelecer aspectos gerais das línguas por meio da comparação entre diversas delas. Contudo, o aspecto relacionado à fala foi deixado no segundo plano: basta ver o recorte epistemológico de Saussure (1997 [1916]) entre *langue* e *parole*.

Além disso, com a abordagem gerativista (Chomsky, 1979[1975]), delimita-se novamente um objeto centrado na competência do falante-ouvinte-ideal em detrimento do desempenho. Assim, nos termos de Camacho (2013), esses dois modelos – Estruturalismo e Gerativismo – estabelecem o axioma da categoricidade nas pesquisas linguísticas.

Nesse sentido, em ambas perspectivas de estudo, os usos sociolinguísticos são considerados fenômenos excepcionais, frutos puramente de mistura ou de contato dialetal. Assim, as formas linguísticas oriundas de falantes não escolarizados, ou produzidas em contextos informais, consideradas como registros inferiores ou de normas populares, são colocadas em um segundo plano.

Todavia, essa proposição remete necessariamente à noção de prestígio que tem a forma falada tanto quanto o poder socioeconômico que tem o seu falante. Entende-se que o valor social que tem o falante de uma determinada variedade linguística também é o mesmo valor atribuído ao seu estilo de falar. Desse modo, constatam-se que as línguas não só variam e/ou mudam, mas são avaliadas e percebidas socialmente de modos diferentes.

Bortoni-Ricardo (1996), ao apresentar aspectos do cenário que permitiu a emergência da Sociolinguística como disciplina que estuda os fenômenos, processos e/ou variedades linguísticas, elenca três postulados que contribuíram para a implementação e a consolidação dessa área de investigação: a noção de relativismo cultural, a de heterogeneidade linguística inerente e a relação dialética entre forma e função linguística.

Nesse sentido, passou-se a reconhecer que não há variedade linguística superior ou inferior, civilizada ou de bárbaros, mas, sim, diferenças dialetais entre as formas linguísticas utilizadas por uma comunidade de fala. Dito de outro modo, as variantes têm o mesmo valor representacional e podem ser intercambiáveis no mesmo contexto; além do mais, a variação e a mudança linguística são reconhecidas como propriedades constitutivas das línguas, não como uma dimensão acessória. Assim, desloca-se a atenção da estrutura para a díade função-uso em contextos comunicativos reais, o que se permite admitir que ocorreu um salto de qualidade ao se explicar fenômenos e processos linguísticos relevantes que ocorriam nas comunidades de fala.

A consolidação da Sociolinguística no interior das teorizações da Linguística também ocorre devido aos pioneiros trabalhos variacionistas de William Labov (1966, 2008 [1972]). No primeiro deles, em *Martha's Vineyard*, Labov investigou a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ (como em *right* e *house*, respectivamente) e constatou que os resultados estão condicionados por fatores sociais, como a história social da ilha, a influência da variação estilística, bem como os processos de avaliação social que aquelas formas e suas variantes recebiam naquela comunidade de fala examinada, por exemplo.

Posteriormente, em 1972, Labov realiza um novo estudo variacionista em entrevistas no *Lower East Side*. Assim, o autor analisou os resultados de uma forma variável que estava em processo de mudança na fala dos nova-iorquinos: o uso do /r/ pós-vocálico, como em *car* e em *beer*. E, mais uma vez, os resultados confirmam que há estratificação social do uso dessa variável.

Desse modo, Labov inicia um longo percurso, o qual segue com outros trabalhos e pesquisadores atualmente no que se refere ao estabelecimento de métodos capazes de identificar a variação linguística como parte constitutiva das línguas naturais. De maneira

geral, esses estudos variacionistas evidenciam que a variação linguística não é um epifenômeno, muito pelo contrário: ela constitui um fato da língua, fato este que é ordenado e previsível.

Seja na perspectiva qualitativa, quantitativa ou geolinguística, ou mesmo numa abordagem mista dessas vertentes, é possível fotografar – para fazer uma remissão à contribuição de Tarallo (2004 [1985]) – os usos sociais da língua. Seja tomando como enfoque o tempo aparente e/ou real, os usos sociais da língua podem ser visualizados em diferentes fenômenos variáveis: apagamentos, epênteses vocálica ou consonantal, monotongação, enfraquecimento, assimilação, palatalização, labialização, harmonia vocálica, sândi externo, ou ainda por meio de itens lexicais e de expressões linguísticas variadas.

Associado ao método padrão de coleta de dados na Sociolinguística, que é a entrevista laboviana, o avanço das ferramentas tecnológicas possibilitou o uso de *softwares* que permitem o cálculo de frequências, percentagens e pesos relativos para análise variacionista, como ocorre com o *Goldvarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) – uma ferramenta quantitativa que permite a análise multivariada simultaneamente de fatores linguísticos e sociais.

Contudo, neste trabalho, optou-se por realizar uma análise qualitativa dos dados coletados, uma vez que não se realiza, neste trabalho, o estudo de uma variável fonológica em particular, por exemplo, mas, sim, de itens e de algumas expressões linguísticas que estão no estilo vernacular de dois informantes idosos. Além disso, para a realização de análise quantitativa se requer um número maior de variantes linguísticas para serem rodadas no respectivo programa.

Na seção seguinte, apresentam-se aspectos do caminho metodológico percorrido nesta pesquisa.

3 METODOLOGIA E *CORPUS*

Os dados foram coletados durante a realização de conversações entre dois informantes: FBS (masculino, idoso, analfabeto, 69 anos) e SBF (feminino, idosa, analfabeta, 77 anos), falantes da variedade norte-rio-grandense. A comunidade de fala dos informantes escolhidos está localizada no interior de referido estado brasileiro.

Para a coleta dos dados utilizou-se um aparelho Panasonic, RR-US430. As conversações foram previamente agendadas e realizadas na casa dos próprios informantes, com duração de, no máximo, 40 minutos. Verificou-se que o ambiente estava tranquilo, sem ruídos e com os aparelhos eletrônicos ligados, possibilitando, assim, um local agradável para a realização desse procedimento de pesquisa. As conversas foram gravadas, armazenadas eletronicamente e, em seguida, as ocorrências foram transcritas.

A técnica da conversação aqui utilizada consistiu em pedir aos informantes que falassem sobre aspectos da história de suas vidas, como, por exemplo: infância, familiares/pais, lembranças de fatos passados, entre outros, seguindo os módulos presentes numa entrevista sociolinguística convencional. Contudo, ressalta-se que, dependendo do desenvolvimento da entrevista, esses módulos foram utilizados com maior ou menor intensidade, o que categoriza a técnica empregada para a realização desta pesquisa como semidirigida.

Para a presente investigação, foram transcritos apenas aqueles itens e expressões linguísticas que, sob a ótica do pesquisador, não são mais usadas na fala de informantes adolescentes ou mais jovens, e que comporão dois quadros para as devidas análises, dispostas na seção a seguir.

Para fins de efeitos comparativos e, ao mesmo, para corroborar com as ideias aqui ventiladas, os dados presentes nos quadros 1 e 2, a seguir, podem permitir o estabelecimento de generalizações acerca dos processos analisados.

Em seguida, na seção 4, apresentam-se a descrição e a análise dos dados coletados.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das entrevistas, as ocorrências identificadas como próprias da fala dos informantes investigados foram transcritas e estão expostas nos quadros 1 e 2, respectivamente, correspondentes às variantes do informante 1 e da informante 2.

O quadro 1, disposto a seguir, exhibe as ocorrências do informante FBS (masculino, idoso, analfabeto, 69 anos).

Quadro 1: Itens lexicais e expressões do informante 1

<p>“Pirambeira da serra...” “Cantorezinhos requenguelas...” “Só tem nas rebarbas de Belém, no centrão não...” “Aqui fica os rebustai...” “E o papagaio desceu na braceira do rio para Ceará Mirim...” “Ele começa a encavalar...” “Ela é um quebra-galho...” “Cresce que nem inhaca...” “São propriedades para vender...” “Tomar a benção dentro do carro...” “Vai haver uma lambizagezinha...”</p>

Fonte: Própria do autor.

Já o quadro 2 exhibe as ocorrências da informante SBF (feminino, idosa, analfabeta, 77 anos).

Quadro 2: Itens lexicais e expressões da informante 2

<p>“Cabeça de fololô...” “Toda faceira...” “Bastinho tirou oito anos...” “Ele está um pordo inteiro...” “É bom de grafo...”</p>
--

<p>“O mais novo deu uma quebrada...” “Ele está escravatando os dentes...”</p>

Fonte: Própria do autor.

Para efeito de ilustração, expõe-se uma amostra dos itens lexicais e de algumas expressões linguísticas presentes nas duas entrevistas realizadas, as quais estão exibidas, respectivamente, nos quadros 1 e 2 deste trabalho.

Pode-se verificar que são itens lexicais e expressões linguísticas que marcam o lugar de fala dos informantes, pois tais itens e expressões estão diretamente relacionados às formas linguísticas utilizadas para referenciar o mundo possível da interação desses participantes da pesquisa.

Essas realizações linguísticas são, também, resultantes das características sociolinguísticas dos informantes pesquisados, constituindo, portanto, variantes sociolinguísticas que estão integradas aos perfis linguísticos deles, visto que o uso linguístico não corresponde apenas à demonstração ou habilidade de uso de língua, mas, predominantemente, a uma forma de identificação social dos seus usuários.

Assume-se que esses itens lexicais e as expressões linguísticas presentes nas falas dos dois informantes e exibidas nos quadros 1 e 2, respectivamente, são formas de dizer desses falantes. Elas refletem o modo de interagir deles nas situações de comunicação verbal em que estavam inseridos (ou outras situações) e que atendem às suas necessidades comunicativas e expressionais para interagir com seus interlocutores.

Ainda pode-se constatar que os itens lexicais e algumas das expressões linguísticas encontradas não estão presentes nas formas dicionarizadas do Português Brasileiro, portanto, não constituíram formas canônicas de uso da referida língua. Entretanto, ao assumir, e assim assume-se neste trabalho, que a língua é prioritariamente uma forma de identificação social dos seus falantes, essas variantes concretizadas em itens lexicais e em

expressões linguísticas constituem maneiras eficientes da comunicação dos informantes analisados.

Para uma breve discussão e ilustração, tomem-se uma expressão linguística e um item lexical de cada informante para descrição e análise, já que, neste espaço, não é possível discutir todas as ocorrências encontradas.

De acordo com o Quadro 1, o informante FBS produziu as seguintes formas linguísticas: (i) “Cantorezinhos **requenguelas...**” e (ii) “Só tem nas **rebarbas de Belém**, no centrão não...”. O que significam mesmo esses itens lexicais e a expressão linguística em destaques? Em que situações reais da interação verbal estariam presentes e com que finalidade comunicativa poderiam ser emitidas pelo seu produtor? São realizações que poderíamos verificar na fala de informantes mais jovens, por exemplo?

Ao questionar o informante FBS acerca do uso dessas formas linguísticas e após verificar seu contexto de uso na entrevista realizada, o item lexical “**requenguelas**” significa, entre outras nuances de sentido, “de baixo prestígio, iniciante, sem domínio da prática artística que desenvolve”; já a expressão linguística “**rebarbas de Belém**” tem como possível co-referente “às margens de, nos arredores de, em volta das terras de”, entre outros.

Essas formas linguísticas fazem parte do repertório lexical e comunicativo do informante FBS, constituindo variantes linguísticas que permitem que ele expresse por meio delas o conteúdo, a informação, o conhecimento, entre outros, que ele tem para falar o seu projeto de “querer dizer” nas interações verbais. O falante existe para falar e, para tanto, utiliza os diversos recursos lexicais e gramaticais que a língua pode oferecer para alcançar esse fim.

De acordo com o Quadro 2, a informante SBF realizou as seguintes variantes: (i) “Ele está **escravatando os dentes...**” e (ii) “Cabeça de **fololô...**”. Também se questionou à

referida informante sobre o possível significado e o sentido dessas formas linguísticas por ela produzidas.

Novamente, vai-se perceber que as variantes linguísticas realizadas por SBF atendem à forma de dizer dos falantes que estão no perfil sociolinguístico de informantes como SBF, como também àquelas produzidas por FBS. Assim, para a expressão “**escravatando os dentes...**”, são possíveis os seguintes sentidos: “livre, solto como uma..., fazendo o que quer...”, entre outros, revelando o modo de dizer da falante ao comunicar; já o item lexical “**fololô...**” pode apresentar como possíveis significados os sinônimos: “redondo, grande, oval...”, por exemplo.

Por conseguinte, o mesmo se dá com as outras realizações presentes nos Quadros 1 e 2. São formas de dizer dos falantes. Elas possibilitam, de acordo com o perfil sociolinguístico desses falantes, que eles ocupem um espaço de interação verbal utilizando-se itens lexicais e de expressões linguísticas que são integrantes da sua variedade linguística.

Em trabalho anterior (FREIRE, 2023), tinha-se assumido, e aqui corrobora com o que está sendo defendido, que a variação linguística pode se constituir, em diferentes níveis da gramática, como um pano de fundo para (i) reconhecer a pluralidade do comportamento linguístico presente tanto na língua falada quanto na língua escrita e que (ii) é possível refletir sobre como o ensino de língua pode captar essa realidade do sistema linguístico.

Na seção seguinte, são apresentadas as considerações finais deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, à luz da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]), descreveu-se e analisou-se a variação linguística de itens lexicais e de expressões linguísticas presentes na fala de dois informantes idosos, analfabetos, sendo um do sexo masculino e o outro do sexo feminino, pertencentes a uma comunidade de fala do interior do Rio Grande do Norte.

Os resultados encontrados indicam que há a produção de itens lexicais e de algumas expressões linguísticas presentes na fala dos dois informantes, as quais são compreendidas, ao mesmo tempo, como resultantes e condicionadas pelo perfil sociolinguístico dos entrevistados.

A realização dos itens lexicais e de algumas expressões linguísticas descritos e analisados aponta na direção de que, mesmo sendo a língua um sistema, ela está sujeita aos deslizos e/ou aos alargamentos de sentidos que os falantes imprimem na língua mediante seus usos em contextos específicos de fala para atender às necessidades expressivas e comunicativas dos próprios falantes.

Entendeu-se que essa visão de língua é captada pelas abordagens linguísticas que estão centradas nos usos linguísticos como práticas sociais que os falantes realizam durante a interação verbal. A perspectiva assumida pela Teoria da Variação e da Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]) contribui nessa direção, sobretudo ao destacar que a língua constitui um sistema social de identificação dos falantes.

O trabalho em tela aponta para alguns desdobramentos teóricos a serem realizados posteriormente. Por exemplo, (i) aumentar o número de informantes e com novas amostras também estratificadas socialmente para realizar não apenas estudos qualitativos, mas, também, quantitativos; (ii) realizar estudos comparativos com outras variedades linguísticas a fim de verificar se ocorrem (ou não) itens lexicais e de algumas expressões linguísticas semelhantes às que foram encontradas e, assim, traçar perfis sociolinguísticos

de falantes de variedades diferentes; e (iii) promover testes de avaliação sociolinguística para identificar se os sentidos apresentados pelos informantes, neste estudo, dos itens lexicais e de algumas expressões linguísticas, são parecidos ou não, como também seu nível de aceitação sociolinguística.

Outras aplicações podem ser realizadas a partir de reflexões teóricas como as que aqui se empreenderam. Neste sentido, o ensino de Língua Portuguesa pode beneficiar-se de achados empíricos e, assim, promover uma prática pedagógica que favoreça a inclusão e/ou a discussão acerca da existência de variedades linguísticas urbanas de menor prestígio social e, conseqüentemente, atenuar práticas de preconceito linguístico.

De modo geral, mesmo reconhecendo que a presente amostra analisada foi pequena, é possível, a partir dos resultados e da literatura pertinente, estabelecer generalizações que permitem conceber a língua como um sistema socialmente condicionado, diferentemente da abordagem adotada pela Gramática Tradicional.

Essa nova abordagem linguística ainda permite encarar novas variantes linguísticas como uma realidade própria da língua. Assim, itens lexicais e expressões linguísticas, além de ganhar formas no sistema, adquirem também novas funções que atendem perfeitamente ao processo de uso de qualquer língua e aos propósitos comunicativos dos seus falantes.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. O debate sobre a aplicação da Sociolinguística à Educação. *In*: BRANDÃO, S.; INDIANI, M. T. (org.). **Pesquisa e Ensino da Língua: Contribuições da Sociolinguística**. Anais do Ensino – Simpósio do GT de Sociolinguística da ANPOLL. p. 17-30, 1996.

CAMACHO, R. G. **Da Linguística formal à Linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CHOMSKY, N. **A gramática generativa**. Lisboa: Edições 70, 1979[1975].

FREIRE, J. B. **Variação Linguística: O que dizem os textos escolares?** Maringá: Viseu, 2023.

LABOV, W. The social motivation of sound change. **Word**, n. 19, p. 273-307, 1963.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. 2. ed. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. Cambridge: Cambridge U. Press, 2006 [1966].

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTON, C. B.; TUCKERT, G. R. (org.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003[1969]. p. 234-250.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X**. Computer program. Department of Linguistics, University of Toronto, Canadá. Disponível em: http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm, 2005.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1997, [1916].

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 [1985].

VIEIRA, S. R. Variação Estilística e ordem dos clíticos pronominais: a influência dos gêneros textuais e dos veículos jornalísticos. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C., M. N. de (org). **Variação Estilística: Reflexões Teórico-Metodológicas e Propostas de Análise**. Coleção Linguística. V3. Florianópolis: Insular, 2014. p. 281-302.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].